

AUTORES:

Rui Proença Garcia ¹António Camilo Cunha ²¹ Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Portugal.² Escola de Educação, Universidade do Minho, Braga, Portugal.<https://doi.org/10.5628/rpcd.21.03.54>

As ciências do desporto sob o signo do *Quinto Império*.

PALAVRAS-CHAVE:

Ciências do desporto. Lusofonia.

Quinto Império.

SUBMISSÃO: 15 de Fevereiro de 2021

ACEITAÇÃO: 18 de Setembro de 2021

RESUMO

O Presidente da República tem atribuído elevada importância às relações de Portugal com a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, que constitui a Lusofonia. Este conceito invoca a ideia de *Quinto Império* imortalizado pelo Padre António Vieira e lembrado, entre outros, por Fernando Pessoa, Agostinho da Silva, Manuel Alegre e Natália Correia. Se em António Vieira o *Quinto Império* é de ordem religiosa e com Portugal no centro, os restantes autores defendem um *Quinto Império* cultural, sem imperadores e sem um centro definido. As Ciências do Desporto, pela união que o desporto gera no espaço de língua portuguesa, também deverão recriar o seu *Quinto Império*, aproximando Universidades, instituições desportivas, como os Comitês Olímpicos, e outras no sentido de estudar e divulgar o estudo do desporto em português.

The sports sciences under the sign of the *Fifth Empire*.

ABSTRACT

The President of the Republic has attached great importance to Portugal's relations with the Community of Portuguese-Speaking Countries, which constitutes Lusophony. This concept invokes the idea of the *Fifth Empire* immortalized by Father António Vieira and remembered, among others, by Fernando Pessoa, Agostinho da Silva, Manuel Alegre and Natalia Correia. If in António Vieira the *Fifth Empire* is of religious order and with Portugal in the centre, the remaining authors defend a Fifth Cultural Empire, without emperors and without a defined centre. The Sports Sciences, by the union that sport generates in the Portuguese language space, will also have to recreate its *Fifth Empire*, bringing Universities, sport's institutions, such as the Olympic Committees, and others to study and disseminate the study of Portuguese sport.

KEYWORDS:

Sports science. Lusophony. *Fifth Empire*.

CORRESPONDÊNCIA: Rui Proença Garcia.

Faculdade de Desporto, Universidade do Porto. Rua Dr. Plácido Costa, 91, 4200-450 Porto, Portugal.

email: rgarcia@fade.up.pt

PORTUGAL E A LUSOFONIA

O Presidente da República de Portugal, logo no dealbar do seu primeiro mandato enfatizou a importância da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), como ficou patente no seu discurso de tomada de posse, na exposição sobre a política externa na apresentação de cumprimentos pelo Corpo Diplomático (10 de março de 2016) e na sua alocução por ocasião da visita à sede da CPLP (14 de março).¹ No conjunto destas intervenções é de realçar a seguinte expressão proferida na primeira pessoa aquando da visita à sede da CPLP: quero afirmar a relevância privilegiada que atribuo à CPLP. Este sentimento tem sido regularmente reafirmado ao longo do seu mandato e com ações concretas.²

O desporto, enquanto atividade universal, não tem estado indiferente a esta preocupação do Presidente da República, sendo um elo entre diversos países, povos e culturas fruto da diáspora³ lusitana. Note-se que o Presidente da República, aquando dos cumprimentos pelo Corpo Diplomático a propósito da sua tomada de posse, fez-se acompanhar de quatro vultos importantes do nosso tempo, dos quais três eram desportistas⁴.

Quando falamos de CPLP surge de imediato o conceito de lusofonia.⁵ Não interessa discutir se é a palavra correta para identificar a língua e cultura portuguesas pelo mundo. Com essa palavra uma expressão emerge naturalmente no horizonte: *Quinto Império!*⁶

Pode parecer estranho que no desporto haja quem intente discursos subordinados ao *Quinto Império*. Porém, esta expressão habita a diversidade dos lugares humanos, podendo ser o desporto um desses locais.

Recentemente, nas páginas da Brotéria, Avelino de Freitas Meneses (Meneses, 2016) defendia a ideia que no Império do Espírito Santo "cabem todos, crentes e não crentes, porque a devoção concilia o sagrado e o profano". O desporto é uma janela privilegiada para se avistar a dialética do par sagrado – profano na sociedade contemporânea, sendo já vasta a produção científica nesta área do pensamento.⁷

¹ Estas intervenções estão disponíveis no sítio da Presidência da República (www.presidencia.pt).

² Aquando do anúncio do Santo Padre de Lisboa como local de realização das Jornadas Mundiais da Juventude de 2022, o Presidente da República afirmou que era uma vitória da língua portuguesa e da lusofonia (26.01.2019).

³ Embora esta palavra seja habitualmente aplicada ao povo judeu em especial depois do seu exílio babilónico, significa dispersão de povos, tendo origem na palavra grega diáspora.

⁴ Referimo-nos a Naide Gomes, Néelson Évora (ocasionalmente ausente da referida sessão) e Francis Obikwelu, para além da fadista Mariza.

⁵ Importa realçar que há os Jogos da CPLP, para jovens até 16 anos de idade, e os Jogos da Lusofonia, que resulta de uma iniciativa da Associação dos Comitês Olímpicos de Língua Oficial Portuguesa. Tanto num caso como no outro, a identidade da competição provém da língua portuguesa.

⁶ Atualmente, em nome do "politicamente correto", há algum receio em pronunciar esta expressão. Não a receamos porque tem uma valência muito para além daquela conotada com o colonialismo.

⁷ A Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, não sendo pioneira, há muito que reflete o desporto na perspetiva mítico-religiosa. Esta visão está expressa em livros, artigos, dissertações de doutoramento, trabalhos de pós-doutoramento, conferências, cursos etc.

QUINTO IMPÉRIO: DE PADRE ANTÓNIO VIEIRA

A AUTORES CONTEMPORÂNEOS

Muitas vezes o tempo corrói o sentido das palavras ou de expressões. Há quem veja no *Quinto Império* uma alusão a um passado colonial, eivado de um saudosismo imperial, cujo território ia do Minho a Timor. Foi um facto que Portugal construiu um império pluricontinental. Tal obra não pode ser negada. Pensar nesse imenso império não significa querê-lo de volta. Nostalgia ou a portuguesíssima saudade não têm necessariamente significar permanência ou regresso a um tempo ido. Mas esquecê-lo ou renegá-lo não apaga a sua anterior existência, nem faz desaparecer os seus significados cultural e civilizacional que efetivamente possui.

O *Quinto Império*, aqui metaforicamente trazido, não significa qualquer desejo neocolonialista, mas tão-somente a consciência de que nos cinco continentes há povos que sonham em português. O nosso *Quinto Império* constrói-se sob o signo dos valores do desporto que irmanam uma imensurável comunidade de âmbito universal. Não estamos a resgatar quaisquer outras configurações atribuídas a esta expressão. O jogo da utopia, de onde provém o *Quinto Império*, decorre em muitos tabuleiros. Também acontece no desporto.

Repetimos que admitimos a estranheza de ver consignado num artigo que pretende dissecar as Ciências do Desporto, uma alusão ao mítico *Quinto Império*, notável construção que teve no Padre António Vieira o seu grande obreiro.⁸ Concordamos que o conceito original de *Quinto Império*, na ordem de sucessão e de tempo, se tenha perdido através dos séculos, restando apenas uma designação nostálgica para Portugal, mas despida do seu valor essencial.

Ao falar-se da utopia⁹ do *Quinto Império* impõe-se que falemos do insigne jesuíta que o desenvolveu. Note-se que Thomas More (2006), na sua *Utopia*, coloca um marinheiro português como narrador. Naquele tempo, século XVI, Portugal tinha um significado tendencialmente universal e universalista. Hoje podemos viver na periferia da importância política,¹⁰ mas nem sempre foi assim, nem terá de ser assim para sempre. Utopia? Talvez, mas utopia é ao mesmo tempo lembrança e desejo.

Padre António Vieira, um dos maiores artesãos da palavra alta,¹¹ sonhou o imenso. Só grandes homens o podem fazer. Sonhou com um império que se seguia a quatro grandes Impérios do passado, liderados por Nabucodonosor (da Babilónia ou dos Assírios), por Ciro (da Pérsia), por Péricles (da Grécia) e por César (de Roma). O novo império seria o Império

⁸ Há referências mais antigas à utopia do *Quinto Império*, mas foi com Vieira que a ideia se projetou. Não podemos esquecer Bandarra, o Sapateiro de Trancoso, que ficou conhecido pelas suas trovas messiánicas.

⁹ Na esteira de Luís Sebastião e Manuel Ferreira Patrício (Patrício & Sebastião, 2004, p. 118), consideramos que utopia é o lugar que ainda não há, mas que um dia pode vir a haver; no limite, que um dia haverá. Utopia é uma palavra gerada do grego por Thomas More, podendo significar o não lugar (*outopos*) ou o lugar da felicidade (*eutopos*).

¹⁰ No entanto, importa destacar que o número de portugueses em lugares de grande destaque internacional é elevado, quer em termos absolutos e mais ainda quando relativizados à sua população. António Guterres, Secretário-Geral da ONU, encima essa vibrante lista.

¹¹ Fernando Pessoa designou-o como Imperador da Língua Portuguesa (Pessoa, 2014, p. 374).

Universal Cristão, sob o signo da religião, liderado pelo Rei de Portugal ressuscitado, D. João IV, um império, ao mesmo tempo, espiritual e temporal.¹² Diz Vieira, em 'História do Futuro': "Chamamos Império Quinto ao novo e futuro que mostrará o discurso desta nossa História; o qual se há de seguir ao Império Romano na mesma forma de sucessão em que o Romano se seguiu ao Grego, o Grego ao Persa e o Persa ao Assírio".

Atualmente, a noção de *Quinto Império* é outra, sendo a mesma coisa, ampliando assim o seu campo semântico. O *Quinto Império* aqui apresentado não se liga apenas à religião, mas a uma visão mais recente, sugerida, em pleno século XX, através da escrita de grandes poetas-pensadores.

Portugal pode ser considerado como um país de grandes utopistas, encimado, como é justo fazê-lo, pelo Padre António Vieira e bem secundado por Fernando Pessoa, Agostinho da Silva e num outro sentido, mais ligado à "harmonização das relações humanas pela afirmação dos valores tutelares associados ao universo feminino", a Natália Correia (Casquilho, 2015a). Séculos XVII e XX estão, assim, irmanados por grandes nomes da cultura onde a ideia do *Quinto Império* sobressai, em especial pelas mãos dos dois primeiros autores citados, embora Agostinho da Silva dissesse que "o *Quinto Império* será o restaurar da criança em nós e em nós a coroarmos imperador, eis aí o primeiro passo para a formação do império" (Casquilho, 2015b). Disse, ainda, que "os Portugueses poderão ir para o *Quinto Império* se decidirem, em primeiro lugar, não serem imperadores. Este é o ponto essencial da questão. Paradoxalmente, apenas haverá um *Quinto Império* se não existir um quinto imperador" (Casquilho, 2015c).

Um pouco nesta mesma linha, pelo menos no nosso entendimento, Manuel Alegre, no alto da sua excelência poética, escreveu que "talvez o *Quinto Império* seja afinal o fim de todos os impérios" (Alegre, 1989, p. 231). A lusofonia, que vem "de dentro de nós" (Alegre, 1989, p. 231), pode ser a nossa grande utopia contemporânea. Pode ser a razão da comunhão universal de povos fisicamente distantes, mas culturalmente convergentes.

Vieira via o *Quinto Império* sob a égide da religião, Pessoa da cultura e Agostinho da Silva uma "era da assunção do domínio sereno da inocência infancial pela diluição das hierarquias contra a estreiteza da ordenação da racionalidade ortodoxa e pela miscigenação de todas as raças ao sabor do exemplo português".¹³ São visões diversas onde sobressai a ideia da língua e cultura portuguesas, daí Fernando Pessoa ter exclamado "Minha Pátria é a língua portuguesa!" (Pessoa, 1998, frag. 259, p. 255). Os Jogos da Lusofonia mostram que, através do desporto, o *Quinto Império* cultural é possível e desejável. A nossa língua

tem uma enorme capacidade de unificar povos, mesmo que, em certas ocasiões, se tenham digladiado. Qual símbolo, Péricles foi o imperador do passado mítico do olimpismo. A lusofonia, sem imperador, consubstancia o tempo presente.

O desporto tem mostrado que há novas rotas para as pessoas, não se confinando à rota do *Quinto Império* de Vieira, sistematicamente de Portugal para outros países ou continentes.

O ilustre jesuíta defendia que o *Quinto Império* seria fundado em Lisboa, o que pode levar-nos a pensar que, na atualidade, o povo português não deverá deixar para outros povos que se exprimem na língua de Camões a tarefa de (re)construir a ideia deste *Quinto Império*.

Porém, hoje as rotas são múltiplas, centrípetas e centrífugas, não se reduzindo a uma única via, orientando-se para todas as direções da rosa-dos-ventos.

Geograficamente, Portugal não ocupa o centro da lusofonia. Essa centralidade estará algures na área de São Tomé e Príncipe, o que dá razão a Agostinho da Silva, quando baseava a ideia do *Quinto Império* numa filosofia capaz de abranger a liberdade, sem ter na base uma terra. O novo *Quinto Império* é cultural, e o desporto tem tentado reconstruí-lo através dos Jogos da Lusofonia.

Os Jogos da Lusofonia não poderão ter a sua alma em Lisboa. Também está em Lisboa,¹⁴ mas terá de estar presente em todos os territórios onde a cultura portuguesa acontece e possua um sentido elevado para esses povos. Pode e deve estender-se para fora da CPLP, mesmo considerando que esta Comunidade de Países de Língua Portuguesa já tenha como membro um país onde o português não é língua falada. Os Jogos da Lusofonia deverão pugnar por serem Jogos da Comunidade dos Países de Cultura Portuguesa, estes sim os que edificam um moderno *Quinto Império* sob a égide do desporto.

O DESPERTAR DO QUINTO IMPÉRIO PELO DESPORTO

Os Jogos da Lusofonia existem porque, um dia, um visionário qualquer quis o mar que era do Adamastor. Esse mar oceano foi vencido, sendo os Jogos uma expressão sentida dessa vitória.

Aceitamos que o nome dos Jogos possa não ser o mais feliz, mas isso não importa. Tanto não importa que o Sri Lanka, antigo Ceilão, esteve presente na primeira edição dos Jogos, realizados em Macau. Seria bom que em todas as futuras edições destes jogos estivesse presente a Tailândia, o antigo Reino do Sião, que Camões immortalizou:

*Cumprindo o curso estou da natureza.
Vê se me esquecerei de ti, Sião!*

¹² Esta dupla natureza do *Quinto Império*, espiritual e temporal, não era tema pacífico no tempo de Vieira. Foi duramente interrogado pelo Santo Ofício que defendia que as Escrituras só ao Reino espiritual fazem alusão (Cidade, 2004, p. 61). Vieira (Vieira, 2013, p. 31) enfatiza este duplo poder a que os Dominicanos se opunham.

¹³ As frases atribuídas a Eça de Queirós, para quem o brasileiro é o português – dilatado, e a Agostinho da Silva, que defendia que o brasileiro é o português à solta, ilustram o pensamento exposto.

¹⁴ Devemos esta expressão ao Professor Adriano Moreira que, aquando da discussão sobre o Acordo Ortográfico defendeu a ideia que "a língua não é nossa, também é nossa".

Ou ainda:

*Junto aos rios da Babilónia,
Assentámo-nos a chorar
Lembrando-nos de Sião!*

São muitos os povos irmanados pelo poema épico de Camões. São esses os povos que se encontraram em Macau para a peleja desportiva. Foram e serão esses os povos, mais outros que assim desejarem, que se reuniram em Lisboa, em Goa, e que futuramente se reunirão em Moçambique,¹⁵ na Guiné, em Timor, em Cabo Verde, em São Tomé e Príncipe e nesse imenso Portugal que é o Brasil.

Sabemos que não é tarefa fácil ultrapassar alguns desentendimentos surgidos após centenas de anos de relações, muitas vezes, tensas e tumultuosas, entre os povos constituintes da CPLP. Permanecem estereótipos dessas relações, mesmo quando não damos a devida conta disso. No campo das relações internacionais, ainda se cultivam conceitos que o tempo invalidou. Cultiva-se a raça e não a Pessoa Humana. Cultiva-se a diferença, para acentuar o predomínio de uns sobre todos os outros, e não a antropodiversidade. Nem sempre a forma como tratamos outros povos se rege pelo superior princípio universal da dignidade humana. Daí a necessidade de termos presente, neste *Quinto Império* desportivo, o cuidado de Agostinho da Silva para que ninguém ouse pensar ser o imperador.

Não cremos nem queremos que o poder económico de um país, por vezes circunstancial, se sobreponha à cultura, nem que a originalidade, isto é a origem da cultura, se sobreponha aos restantes países na condução do Império desportivo. A supremacia de quem quer que seja deverá ser apenas aquela alcançada no campo desportivo. Não quer isso significar que a lusofonia não almeje o papel de forte protagonista no seio da comunidade internacional, para mais num tempo onde o futuro cada vez está mais próximo do presente.

Sem dúvida que Portugal difundiu um ideal humanista e humanizante de forte matriz cristã pelas terras que foi conhecendo e dando a conhecer ao restante do mundo. Gerou uma rede universal a partir de territórios dispersos, criando um vínculo único que importa não desbaratar.

Em 2013, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, realizou-se uma sessão da Associação das Universidades de Língua Portuguesa, AULP. A certa altura, alguém da plateia pediu a palavra para afirmar a louvável estranheza de estar num congresso que envolvia países de cinco continentes e não ser necessário o sistema de tradução simultânea para se compreenderem todas as comunicações. Quer queiramos quer não, a língua, não apenas por si, mas enquanto veículo de uma cultura e de uma afetividade sem iguais, per-

mite criar condições para o estabelecimento de uma comunidade transcontinental, onde o pronome “nós” se superioriza a qualquer outro. Note-se que este “nós” é muito mais do que o plural de “eu”, querendo significar “todos”.

Alguns discursos pouco avisados sobre a lusofonia podem ser entendidos como uma tentativa de restaurar a velha ideia do *Quinto Império* localizado em Portugal, como se o nosso país ainda fosse o centro do universo. Não será fácil entabular um discurso livre de clichés, quando, ao longo das nossas vidas, fomos constantemente sujeitos a construções depreciativas sobre o outro, mesmo que esse outro seja um de nós. As manifestações e os estigmas racistas ocorridas em campos de futebol mostram quão afastados estamos do ideal humano da dignidade em total plenitude.

Os Jogos da Lusofonia, exatamente por convocarem uma enorme diversidade cultural, seja política, religiosa, geográfica ou outra onde incluímos a linguística, demonstram que é possível a sã convivência de uma enorme comunidade irmanada por valores comuns. Se há uma herança que vem do passado, esse legado é axiológico,¹⁶ situe-se ele no campo do desporto ou no amplo campo da cultura.

Está na hora, ou na “ucronia pessoana é a hora” (Pessoa, 2014, p. 379), de darmos dimensão aos Jogos da Lusofonia.

Utopia? Sim, mas o que seria da vida humana sem utopias?

Os primeiros Jogos da Lusofonia foram disputados em Macau, no ano de 2006. Outros se seguiram em Lisboa e em Goa.

Foi lá, bem longe que povos de países tão distantes de nós como Brasil, Angola e Timor se reuniram em torno do ideal do engrandecimento da língua portuguesa. Sim, dado que esses Jogos tiveram como “causa causante” a nossa língua. Pode ser falada com modulações diferentes, seja o doce entoar tropical, seja com o sofrido toque de Timor, o primeiro país a tornar-se independente no terceiro milénio, mas é português.

Podem dizer os detratores que são jogos artificiais de uma comunidade virtual. Podem dizer tudo o que entenderem, mas não conseguem negar que os jogos se realizaram, que a saudade esteve presente, que a extraordinária cultura portuguesa perpassou todos aqueles que estiveram presentes em Macau.

Macau é uma cidade deslumbrante. Tal como qualquer outra terá coisas más. Mas, quando vemos a famosíssima Catedral de São Paulo, mesmo que sejam só as suas ruínas, o Leal Senado e tantas outras construções antigas que por lá abundam, a sensação que temos e o que pensamos é: “do que nós fomos capazes”. A genialidade portuguesa manifesta-se por toda a cidade. Em Macau, tirando os poucos portugueses que por lá restam, quase ninguém entende o português. Mas a cultura portuguesa está embrenhada naquelas

¹⁵ Estava prevista para 2017 a realização destes Jogos em Moçambique, mas foram adiados.

¹⁶ A expressão de legado axiológico foi utilizada por Alberto Monteiro (Monteiro & Garcia, 2016) no seu projeto de pós-doutoramento realizado na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (2015-2016).

ruas e vielas que hoje fazem parte do património da humanidade. É por isso que em Macau nos sentimos como em Portugal, embora tenhamos de falar numa língua que não é a nossa. Lá, é mesmo Portugal! É um naco da nossa cultura, encravado num país imenso, a China. Respira-se lusitanidade!

Realizar os primeiros jogos da comunidade lusófona em Macau revestiu-se, assim, de um profundo significado simbólico. Mais uma vez, o desporto conseguiu unir aquilo que, por vezes, outros afastam. Quem nos dera ver amanhã um qualquer encontro de médicos, engenheiros, escritores, músicos, pintores, escultores, professores¹⁷ ou de empresários sob a égide da lusitanidade. Seria muito bom aprofundar as nossas mais íntimas relações com povos que há muito se encontraram e pertenceram ao mesmo país. Saudosismo? Colonialismo ou neo-colonialismo? Não! Seguramente que não. Ninguém de agora tem culpa do passado. Mesmo que o balanço entre o “deve e o haver” civilizacional pendesse para aspetos negativos, que não cremos que tenha acontecido, não poderíamos, nem podemos renegar aquilo que foi feito.

Os Jogos da Lusofonia são também os jogos da saudade, sentimento que só os lusofalantes, galegos incluídos através da poetisa Rosalia de Castro, compreendem. Saudade não daquilo de errado que foi feito através dos tempos; não dos desvios e desvarios civilizacionais que foram cometidos; não do império caduco que se quis manter para além do razoável. Disso não há nem poderá haver saudade. Saudade, mas do tempo em que culturas se encontraram; do tempo em que pessoas tão díspares, até no aspeto físico, tiveram sonhos comuns; do tempo, que é o de hoje, em que todos esses povos sonham numa mesma língua, contemplan sítios monumentais comuns, se entusiasmam a ver futebol e choram pelos mesmos motivos; do tempo futuro do qual também se sente saudade.

De tudo isto houve um pouco em Macau. Chorou-se em português. E foi nesse choro que o *Quinto Império*, sob a égide do desporto, se reergueu.

A FACULDADE DE DESPORTO

E O QUINTO IMPÉRIO

É longa a história das relações entre a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto com os países da CPLP. Esta relação não é igual em relação a todos os países, mas a nossa presença tem-se sentido em diversas ocasiões ao longo do tempo. Com uns haverá relações mais profundas e institucionais, enquanto com outros serão relações mais circunstanciais e a título pessoal.

As ligações entre povos de variados países também acontecem a vários níveis, nomeadamente a nível diplomático, institucional, económico e ao nível das pessoas, facilitando a capilaridade relacional, cumprindo missões diversas.

Tal como o novo *Quinto Império*, sem imperador, a Faculdade de Desporto não deve surgir com o intuito de dirigir os destinos da investigação no desporto, mas assumir-se como um parceiro numa equipa que envolva um elevado número de Universidades e outras instituições de vários países.

Sabemos que a investigação científica está a perder identidade cultural. Tende a normalizar todo o mundo, por vezes impondo uma forma única de pensar, uniformizando aquilo que sempre foi diverso. A própria Universidade, enquanto instituição, que ao longo dos tempos se assumiu como local da diversidade *pensamental*,¹⁸ caminha para a ditadura do pensamento único, numa clara rutura com a sua história secular.

Cremos que esta situação não é irreversível, podendo nós construir uma forma lusófona de ver o desporto. Há evidências que nos levam a pensar desta forma.

Há uns anos, no dia seguinte a uma pesada derrota do Benfica numa competição europeia de futebol, estávamos no aeroporto de Maputo e num bar encontravam-se dois moçambicanos, um com a camisola do F.C. do Porto e o outro do Benfica. Perguntámos ao “portista” se o seu colega estava triste, ao que ele nos respondeu que estavam ambos tristes, porque “quando joga um dos nossos, todos somos desse clube”. Passados mais de quatro décadas da independência, um clube português continua a ser “um dos nossos”.

Estávamos em Luanda quando se disputou o Mundial de Futebol no Brasil. Num dos jogos da seleção portuguesa vimos numerosos angolanos nas ruas com o equipamento de Portugal. Passou-se em 2014, quando havia um evidente mal-estar entre Portugal e Angola. O futebol foi superior a isso.

Em 2016, aquando da final do Campeonato Europeu que se disputou em Paris, vimos a festa da vitória por todo o lado, mas em Timor assumiu uma particularidade: há imagens de Xanana Gusmão, a pessoa que liderou o processo de independência e que ocupou as mais altas funções no seu país, a festejar a vitória empunhando uma bandeira portuguesa. Talvez esta imagem consagre finalmente o slogan do Estado Novo, Portugal do Minho a Timor. O desporto, provavelmente melhor do que qualquer outra atividade, une povos, culturas e até mesmo pessoas desavindas.

É possível investigar o desporto em português. É possível produzir belos textos na língua imortal de Mia Couto, Eduardo Agualusa, Camões, Guimarães Rosa e tantos outros que ousaram pensar e sonhar em português. Somos cerca de 280 milhões de falantes desta língua, a quinta língua mais falada do mundo¹⁹ e a terceira do mundo ocidental, depois do inglês e do espanhol.

Há um potencial enorme que ainda não foi totalmente explorado, malgrado algumas iniciativas meritórias, como o Congresso de Ciências do Desporto e de Educação Física dos Países de Língua Portuguesa, mas sem continuidade visível para além do tempo de realização.

¹⁷ Em 2014, a Associação das Universidades de Língua Portuguesa realizou o seu encontro anual na Universidade de Macau.

¹⁸ Por analogia com a palavra comportamental.

¹⁹ Encontramos estudos que apontam para a quarta e sexta língua mais falada no mundo. Parece haver um consenso à volta da quarta posição, mas por prudência colocamo-la em quinto lugar.

Urge construir uma comunidade atuante no seio das Ciências do Desporto dos povos de cultura portuguesa, aproveitando as Universidades, em especial a Associação das Universidades de Língua Portuguesa, os Comitês Olímpicos e outras estruturas desportivas, a própria CPLP e outros organismos nacionais e supranacionais que se queiram interessar pela criação de uma entidade que estude e divulgue o desporto destes países. A criação de uma revista internacional impõe-se.

REFERÊNCIAS

- Alegre, M. (1989). *Jornada de África*. Lisboa, Portugal: Dom Quixote.
- Casquilho, J. P. (2015a). Disponível em <http://observatorio-lp.sapo.pt/pt/ligacoes/sitios-de-interesse1/historia-d-lingua/agostinho-da-silva>
- Casquilho, J. P. (2015b). Disponível em http://www.abrigar.net/documentos/TEXTOS_INTRODUTORIOS_agostinho_da_silva_5imperio.pdf
- Casquilho, J. P. (2015c). Disponível em http://www.triplov.com/novaserie.revista/numero_07/jose_casquilho/index.html
- Cidade, H. (2004). *Biografias da história de Portugal: Padre António Vieira* (vol. XXVIII). Matosinhos, Portugal: Quidnovi.
- Meneses, A. F. (2016). O império do Espírito Santo: O caso dos Açores. *Brotéria* 182, 85-90.
- Monteiro, A., & Garcia, R. (2016). *O legado axiológico dos Jogos Olímpicos*. Lisboa, Portugal: Comité Olímpico de Portugal.
- More, T. (2006). *Utopia*. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Patrício, M. F., & Sebastião, L. (2004). *Conhecimento do mundo e da vida: Passos para uma pedagogia da sagesa*. Lisboa, Portugal: Universidade Aberta.
- Pessoa, F. [Bernardo Soares] (1998). *Livro do desassossego*. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvim.
- Pessoa, F. (2014). *Poesia do eu*. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvim.
- Vieira, A. (2013). *A chave dos profetas*. In *Obra completa* (30 volumes). Lisboa, Portugal: Círculo de Leitores.